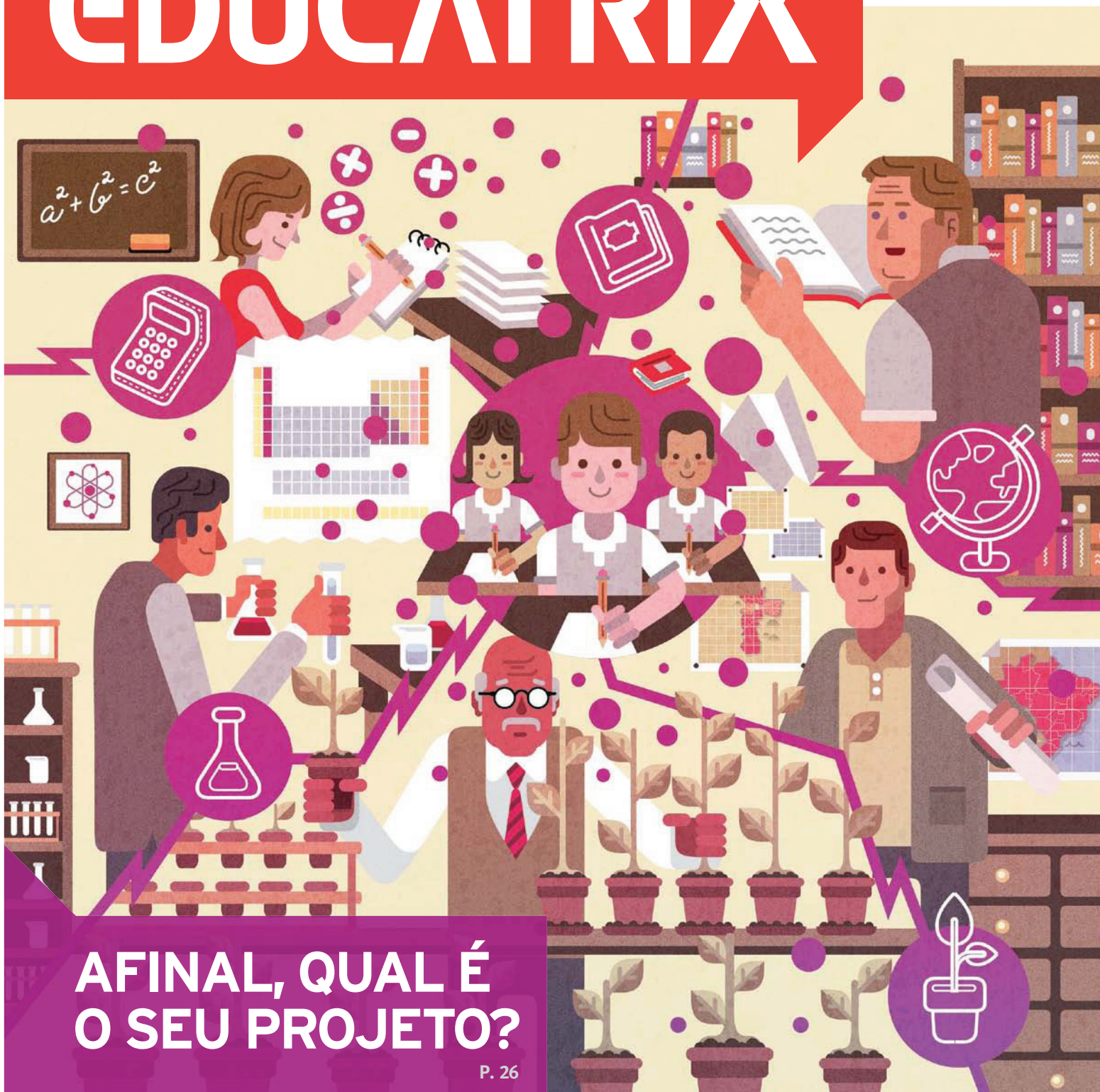


EDUCATRIX



AFINAL, QUAL É O SEU PROJETO?

P. 26

NA TELA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM UMA NOVA ERA

P. 18

TENDÊNCIAS
LER UM MUNDO VISUAL



P. 82

PLANO DE AULA

PÔSTER

GEOGRAFIA E MEGAEVENTOS FUTEBOLÍSTICOS

P. 74

GESTÃO ESCOLAR
GESTÃO EM DOSE DUPLA



P. 88

Conselho editorial:

Ângelo Xavier
Gisele Cruz
Ivan Aguirra Izar
Patrícia Rodolfo
Solange Petrosino
Sônia Cunha de Souza Danelli

Jornalista responsável:

Gisele Cruz - Mtb. 46219

Coordenação editorial:

Ivan Aguirra Izar

Produção de textos:

Cauê Cardoso Polla
Ilda Trigo
Mariângela de Almeida
Paulo de Camargo
Renata Aquino
Sérgio Adas e Melhem Adas

Articulista:

Mozart Neves Ramos

Projeto gráfico e diagramação:

APIS design integrado

Pesquisa iconográfica:

Ivan Aguirra Izar

Capa:

Raul Aguiar

Ilustradores:

Weberson Santiago
Alexandre Matos
Kleber Moraes
Diego Martins
Fernanda Simonato
Bruno Gomes
Zanski

Redes sociais:

Kátia Dutra

Colaboradores:

Flávio Mendes de Oliveira
Laucí Cavalett
Renata Aquino

Leia a versão digital em:

www.moderna.com.br/educatrix

**Editora Moderna Ltda.**

Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP – CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação especial da Editora Moderna com a proposta de pensar a educação. Distribuição gratuita na internet e nas instituições educacionais por meio da rede de Consultores Moderna.

Contato:

educatrix@moderna.com.br
0800 17 2002

Tiragem: 50 mil exemplares

Direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.

Não há espaço para improvisos aleatórios: tudo deve ser cuidadosamente pensado para que os objetivos sejam atingidos.

Todo projeto pedagógico depende de planejamento, trabalho coletivo que envolve professores e coordenadores. Planejar demanda criatividade, pesquisa para garantir interação com os alunos, interdisciplinaridade e participação da comunidade, estabelecimento de prioridades

e limites e grande flexibilidade para, sempre que for preciso, refazer a estratégia. Esse processo permite que o dia a dia da escola fique estruturado e que os professores atuem em conjunto. Um bom planejamento é, muitas vezes, a chave para o êxito. E o êxito do professor só se consolida com o sucesso do aluno.

Tudo o que fazemos seguindo um plano tende a dar certo. É claro que algumas vezes nossos planos são frustrados. Não se pode controlar tudo. Mas é necessário planejar para termos condições de refletir durante o processo. É a reflexão que distingue o ensinar do mero transmitir conhecimento.

O homem é, em sua essência, um ser de projetos, nunca está inteiramente terminado. Por isso, o planejamento é uma ferramenta fundamental em nossas vidas. Quando traçamos um objetivo, assim como numa expedição, podemos planejar os caminhos que queremos percorrer e as ações que tomaremos para chegar até nosso destino. Avaliamos aquilo que é – e o que não é – possível, selecionamos os recursos mais apropriados, analisamos quanto tempo levaremos para atingir nossa meta e, a partir disso, tomamos nossas decisões.

Nenhum tipo de planejamento pode ser estático, precisa sempre ser reavaliado e ajustado, até mesmo totalmente reformulado, caso a rota imaginada esteja muito congestionada. Isso porque a realidade está em permanente mudança. Assim como Lucio Costa, todo professor precisa ter seu próprio “Plano Piloto”. Na escola, assim como no mundo, planejar não é preciso, é primordial.

X



NA TELA

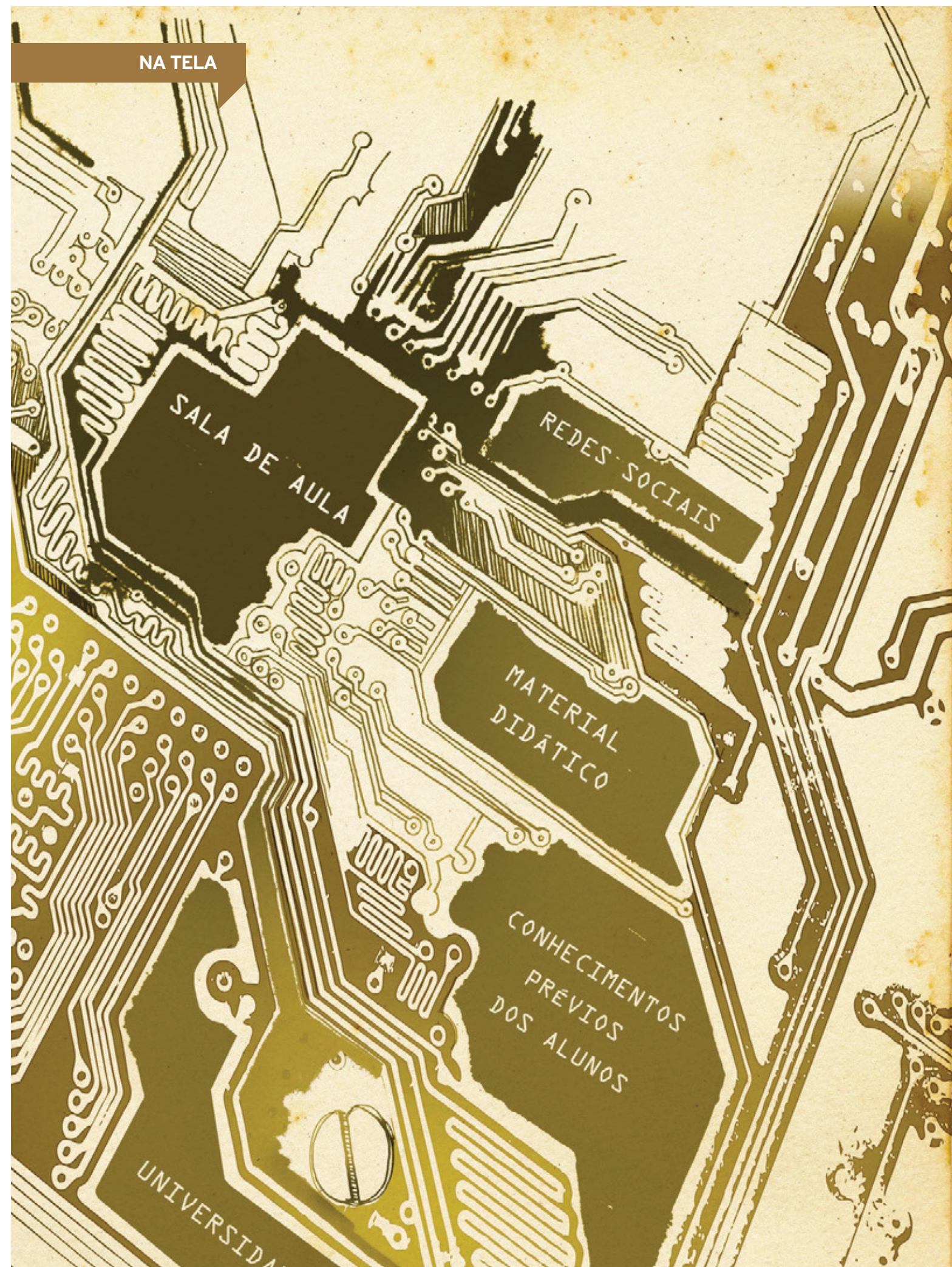
SALA DE AULA

REDES SOCIAIS

MATERIAL DIDÁTICO

CONHECIMENTOS
PREVIOS
DOS ALUNOS

UNIVERSIDA



FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM UMA NOVA ERA: O DESAFIO DO ENSINO DIGITAL E A INTEGRAÇÃO DA TECNOLOGIA AO CURRÍCULO

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”, previu o educador e filósofo Paulo Freire. E já faz alguns anos que temos presenciado uma verdadeira revolução, nas ruas, nas salas de aula, na forma de pensar, educar e aprender com auxílio da tecnologia.

Por: **RENATA AQUINO** e **PAULO DE CAMARGO**

Em um mundo contemporâneo onde a tecnologia está presente, quando falamos de ensino a distância, do uso de *tablets* e celulares em sala de aula, da produção de vídeos às infinitas possibilidades da internet, estamos mesmo é falando sobre educação.

O potencial das tecnologias para a inovação na educação está no reconhecimento desta mudança de papéis, tanto do estudante, que passa de objeto para sujeito da aprendiza-

gem, quanto do professor, que passa de mestre absoluto para um facilitador.

Quando a tecnologia entra no sistema educacional sem essa consciência, torna-se uma muleta que segura o modelo antigo, em que professores e alunos continuam distantes, em que teoria e prática não se conversam, já que os conteúdos seguem descontextualizados, o ensino, burocratizado, e o desânimo, generalizado. »

» O que temos presenciado nos últimos 10 anos está intimamente ligado ao trabalho incansável de educadores que, conseguindo transcender a essa “muleta tecnológica”, têm compartilhado suas experiências e provocado seus pares a reflexões profundas sobre a profissão em si e principalmente sobre o rumo que a educação está trilhando.

“Os alunos e professores precisam se apropriar da tecnologia tanto no que se refere ao uso do computador e da internet como de outras ferramentas de comunicação e informação”, diz Léa Fagundes, pioneira na pesquisa sobre a aplicação da tecnologia na educação no Brasil.

Nesse caminho de descobertas é preciso que, na prática, o educador se aproprie, ou seja, atribua sentido ao uso dos equipamentos em seu trabalho. A partir do momento em que incorporam essas novas mídias em suas aulas, naturalmente cresce a necessidade de usá-las. Mas seria apenas tarefa para alunos e professores?

No dia a dia de uma instituição não temos apenas a descoberta do professor. Além do educador, temos os gestores e os funcionários da escola, que, quando incorporam essa mudança, se integram como um mecanismo vivo, em um contexto maior, envolvendo a comunidade, os pais, os alunos, a escola e seus professores. Afinal, a mudança na educação envolve quebra de paradigmas em todo o sistema. A escola é como uma célula viva, que responde pelos estímulos diários, os alunos que somam suas realidades, a partir do que vivem com suas famílias, na comunidade, a troca de experiências entre professores, entre gestores, isso torna o processo engrenado, ritmado, caminhando junto.

As barreiras ainda são muitas, a banda larga nas escolas, a formação continuada de professores, que precisam refletir constantemente sobre a prática das novas experiências; discute-se sobre o que não pode ficar de fora no currículo das disciplinas, mas a problemática ainda é a mesma: a educação deve-se constituir como um espaço de colaboração, de solidariedade. Como criar ambientes favoráveis de estímulo para professores e alunos de forma que seja possível manter a dinâmica do aprendizado?

E sobre a abordagem em múltiplas linguagens – será que nossos educadores estão preparados para reformular plane-

jamentos que conectem informações do cotidiano de seus alunos e que contemplem as disciplinas curriculares?

Foi diante de tal desafio que o grupo de pesquisa “Formação de Professores com Suporte em Meio Digital” liderado pela educadora Maria Elizabeth Almeida (Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP) se articulou para realizar um seminário com o objetivo de reunir a discussão teórica a respeito da integração entre a tecnologia e o currículo das práticas inovadoras, realizadas pelos professores de escolas públicas e privadas.

Esse movimento de reflexão começou antes, em meados de 2005, com o uso de tecnologias móveis em salas de aula. Com a novidade, integrada à Web 2.0, veio a facilidade de participação, de autoria e de produção colaborativa. Quase como um paradigma, a mobilidade forçou e ainda força uma mudança curricular.

Tais espaços foram sendo criados para falar destas relações, das tecnologias com o currículo, das transformações e interferências mútuas. E é nessa relação que se estabelece, entre conteúdos, experiências, conhecimentos prévios, tecnologias, o desenvolvimento de um currículo real e experienciado, mais amplo, portanto, do que uma lista de conteúdos.

Na última década, educadores de todas as partes do Brasil têm participado de grupos de discussão em diferentes espaços, abordando todas essas reflexões sobre a mudança do modelo da escola e da aprendizagem.

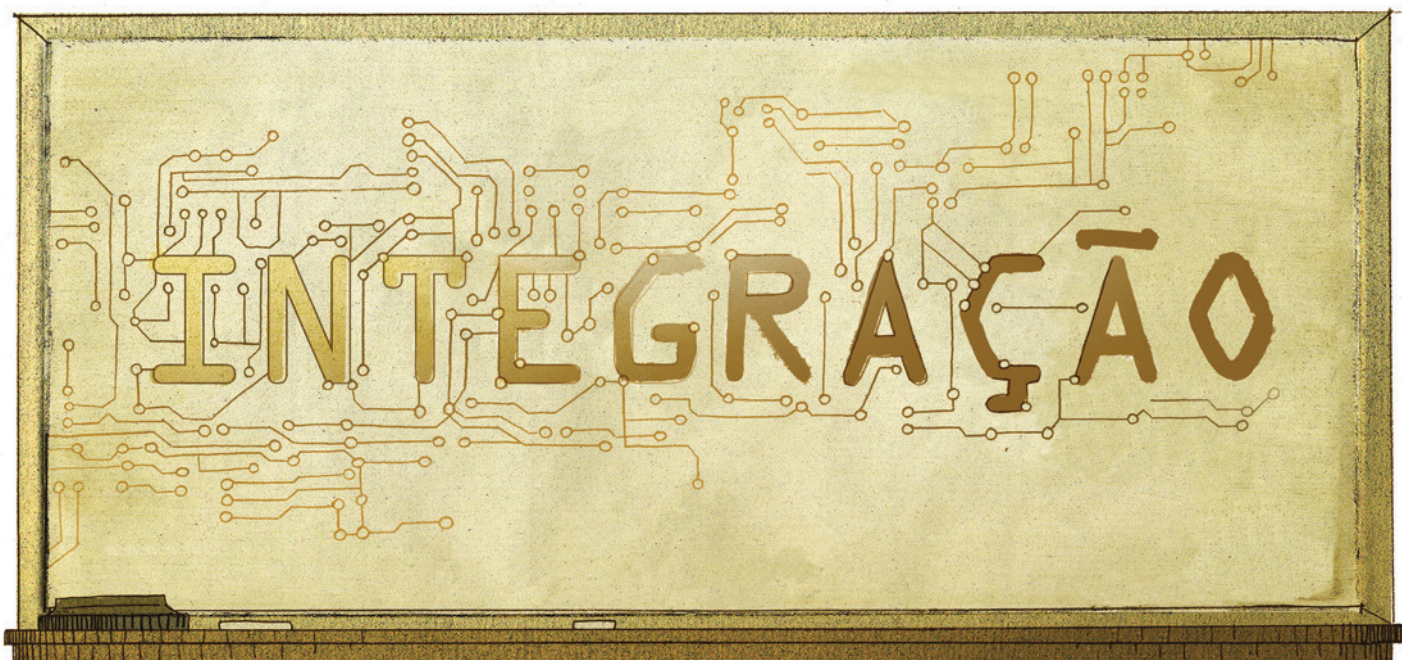
Como exemplo, em 2008, aconteceu o I Seminário Web Currículo, que contou com encontros que antecederam o evento, enriquecendo as temáticas e que resultaram na grande adesão ao evento. Foram atividades nas redes sociais, como Twitter e Facebook, além da exploração de mundos virtuais, os chamados metaversos, no caso do Second Life, que complementou e ampliou práticas e espaços de interlocução.

Já em 2010, quando ocorreu o II Seminário Web Currículo, houve maturidade às questões disciplinares, nas investigações e experiências de integração de tecnologias ligadas às práticas pedagógicas, identificando referências teóricas e metodológicas que pudessem inspirar o desenvolvimento de modelos de inovação curricular.

Hoje, há a participação de centenas de professores, jornalistas e pesquisadores, o que mostra uma evidente busca por inovações em suas práticas, de modo a potencializar as características dos modelos já conhecidos e principalmente do que entendemos sobre os currículos. O fato é que o tempo das tecnologias é diverso daquele da educação. A obsolescência programada comum às tecnologias é um desafio para a construção de conhecimento permanente. O educador é desafiado pela necessidade de obter formação em uma área que está em permanente mudança, sendo o autodidatismo e a experimentação o caminho traçado pelo professor que ainda tem receio em construir conhecimento colaborativamente, o que é cada vez mais simples com as novas tecnologias.

No caso do exemplo dos Seminários do Web Currículo, dos trabalhos apresentados que mais se destacaram, foram

“O EDUCADOR É DESAFIADO PELA NECESSIDADE DE OBTER FORMAÇÃO EM UMA ÁREA QUE ESTÁ EM PERMANENTE MUDANÇA. É NECESSÁRIO CONSTRUIR CONHECIMENTO DE FORMA COLABORATIVA.”



apontadas as tendências como a colaboração, a autoria e o compartilhamento, identificados nas práticas de integração da tecnologia ao currículo.

Temos um exemplo claro de evolução com o conceito de educação a distância, num segundo momento substituída por um conjunto de palavras-chaves que representam um aprofundamento da sua compreensão. A ideia evolui para interação, que é também a integração das tecnologias com o currículo. O que percebemos hoje é o surgimento de novos elementos que demonstram essa integração. Algumas categorias como multimídia, ambientes virtuais, mobilidade e redes sociais denotam um empoderamento nas questões das múltiplas linguagens.

Quando pensamos em multimídia, por exemplo, percebemos que o uso desses recursos vem ganhando uma nova roupagem com a publicação multimídia online, o uso da *web* para produção de mídia e a mobilidade com *laptops* e celulares. Se antes era comum colocar alunos em sala para assistir a filmes “educativos”, hoje são os educadores e educandos os protagonistas dessas produções. Pesquisam, roteirizam e capturam um novo olhar da realidade a partir das próprias experiências e concepções do mundo digital, cultural, econômico e social.

Outra categoria que podemos analisar são os “ambientes virtuais”, que têm apresentado bastante procura e adesão, seja na participação ao vivo, a distância, em debates online e no uso de *podcasts* para aprendizagem. Isso mostra que as novas mídias estão ganhando espaço no desenvolvimento pessoal. Participar e contribuir em espaços virtuais já não intimida tanto quanto antes. Isso indica que há maior familiaridade com essas ferramentas, os educadores sentem-se mais confortáveis em tirar dúvidas e compartilhar desafios em ambientes online, como fórum, grupos de estudos, blogs, e suas dúvidas acabam

por mobilizar demais educadores, que interagem como facilitadores. Há aqui o reforço no papel do professor como facilitador e aponta um novo momento: professores se tornando autores, interagindo e acrescentando materiais para que seus alunos tenham experiências reais de aprendizagem.

Já quando a questão é mobilidade, percebemos que educadores têm compreendido a influência que os dispositivos móveis de comunicação têm no cotidiano da educação. Utilizando *tablets*, celulares e *laptops* educacionais, a mobilidade e o uso da *web*, as atividades com áudio e vídeo também fora da sala de aula são exemplos de que os professores têm incorporado essas linguagens em suas vidas pessoais e profissionais.

E por fim, temos as as redes sociais, estas que unem, de certo modo, as categorias anteriores como um tecido em um tear. O conteúdo online, a publicação em sites e redes, a investigação de temas de vanguarda encontram espaço nas redes sociais. A incorporação de redes sociais online realmente amplas, vivas e abertas para o ensino e aprendizagem ainda é um panorama novo para as escolas, apesar de já fazerem parte da vida de professores e alunos.

Novos espaços vão surgindo, propondo aos docentes conhecer, experimentar e ousar nas atividades de integração das tecnologias ao currículo a partir de relatos mapeados de práticas de outros professores. Essas experiências são um rico manancial de conhecimento para as futuras gerações profissionais e devem ser um foco de estudo constante. O movimento contínuo de documentação e compartilhamento aprimora as práticas e direciona sua transformação e criação de novas experiências.

Pode-se dizer, porém, que o inacabado é a característica da busca da melhor prática que leva o professor do incômodo inquietante à satisfação do aprendizado: é quando se cria um ambiente repleto de estímulos, em um movimento de sinergia, em que a escola literalmente vai além de suas paredes. »

QUANDO É HORA DE COMEÇAR

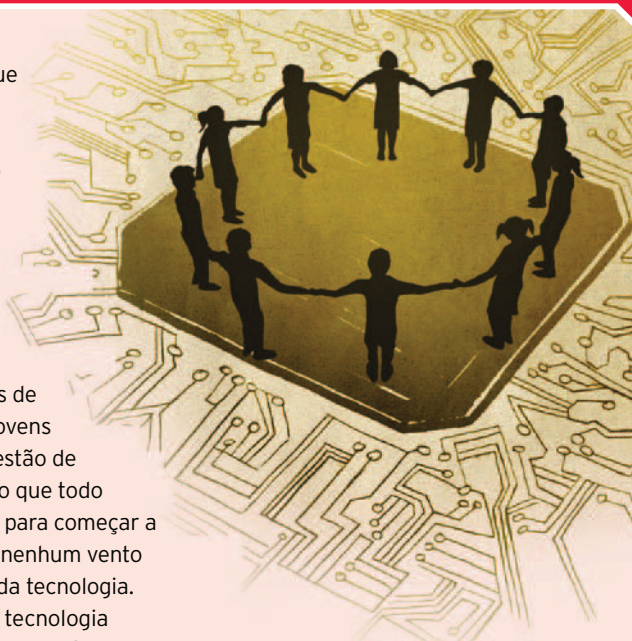
» A compreensão do potencial e dos limites do uso da tecnologia em sala de aula avançou muito nas últimas décadas. Mas há algo que permanece sempre desafiador: começar.

É preciso arregaçar as mangas e tornar realidade palpável as promessas abertas pelos recursos tecnológicos. Para isso, é preciso disposição, abertura e, sem dúvida, uma boa dose de realismo.

Afinal, as sucessivas experiências acumuladas desde a década de 1980 mostram que o professor precisa se apropriar dos recursos não como um charme ou um abracadabra, mas como uma ferramenta tão útil quanto outras que fazem parte de seu dia a dia enquanto educador.

Há uma grande variedade de recursos à disposição dos educadores de todas as faixas etárias. Por outro lado, há gerações de crianças e jovens que cresceram imersos no mundo digital. Pareceria ser apenas questão de juntar a fome e a vontade de comer, mas longe disso. É preciso algo que todo professor sabe bem o que é: intencionalidade pedagógica. Ou seja, para começar a caminhada, é necessário saber para onde ir. Como lembra Sêneca, nenhum vento ajuda o navio que não sabe para onde vai, muito menos os ventos da tecnologia. Veja abaixo algumas recomendações do consultor em educação e tecnologia Martin Restrepo, especialista no trabalho pedagógico com tecnologias móveis e formação de professores:

1. Todo bom trabalho começa com um bom planejamento – ainda mais quando se trata do universo educacional. Segundo Restrepo, na hora do planejamento uma estratégia interessante pode ser envolver os próprios alunos no desenvolvimento das atividades. Identifique alguns, entre eles, que podem atuar como monitores tanto para auxiliar o professor como para mediar as relações com o grupo.
2. Sem dúvida, procurar ajuda de colegas mais experientes também é um excelente caminho, nem sempre lembrado pelos professores, habitualmente isolados em suas salas de aula e suas disciplinas. Proponha a um outro professor que já use a tecnologia para desenhar atividades em conjunto.
3. Entre as maravilhas da *web* está a possibilidade de participar de grupos de discussão entre pessoas que viveram e vivem as mesmas dificuldades e expectativas que você. Em diferentes graus, todos estão no mesmo barco. Entre em comunidades de discussão de práticas educacionais. Restrepo recomenda o portal do Instituto Claro (www.institutoclaro.org.br) e o Educared (www.educared.org). Além desses há o Microsoft Educadores Inovadores (www.educadoresinovadores.com.br) e o Intel Educação (www.intel.com/education/la/pt/).
4. Ah, mas sua escola tem poucos computadores. Confesse que esse subterfúgio já passou pela sua cabeça muitas vezes. “Claro”, diz Restrepo, “sem dúvida a tecnologia pode ser um limitador. Mas tecnologia e criatividade são lados da mesma



moeda. Assim, seja criativo para fazer do limão uma limonada”. O especialista sugere, por exemplo, utilizar outras mídias disponíveis, como os celulares que certamente alguns de seus alunos possuem. É possível dividir as atividades e os papéis. Por exemplo, enquanto alguns alunos usam celular para coleta de dados, outros estão ao computador para a pesquisa, enquanto outra parte da turma centraliza a informação em murais ou com *post-its*. A palavra-chave no uso da tecnologia é colaboração.

5. Ah, a internet é lenta. É verdade. Isso também faz parte da realidade dos brasileiros – e não apenas os que estão na escola pública. Mas é possível driblar esses limites, utilizando redes 3G, quando disponíveis, até mesmo com acesso pré-pago, o que barateia o uso. Restrepo sugere também que se trabalhe com aplicativos *off-line*, ou seja, que possam ser descarregados previamente e utilizados sem acesso pleno à internet. Para aquelas escolas que estão recebendo *tablets* por iniciativa do MEC ou outras fontes, há muitos aplicativos gratuitos que podem ser utilizados.
6. Por fim, para tudo isso: formação continuada. Aprender, aprender continuamente é o único caminho para os cidadãos do século XXI, professores incluídos. Mesmo para aqueles já familiarizados com os recursos tecnológicos, novidades não param de se suceder, e é preciso incorporar de uma vez por todas esse princípio: todos nós teremos de aprender pela vida inteira. Então, que tal dar o primeiro passo? ✕